

A SAGA DE MARIA BUENO: UM RETRATO DA ALMA DE CURITIBA

The saga of Maria Bueno: a portrait of Curitiba's soul

Andrea de Alvarenga Lima¹

Resumo

O presente artigo investiga os significados da saga e culto de Maria Bueno, no contexto da cidade de Curitiba, por meio dos conceitos teóricos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. A devoção a Maria Bueno é um fenômeno de religiosidade popular que acontece nesta cidade a partir do final do século XIX. Neste estudo, a história da “santinha de Curitiba” é compreendida como uma expressão mitológica; e, enquanto mito, uma forma de expressão arquetípica. Após a reconstituição do relato histórico da vida de Maria Bueno, o foco do trabalho está na investigação dos desdobramentos das imagens contidas na sua saga, que apontam para conteúdos do inconsciente coletivo que se encontram constelados na cidade. As principais imagens exploradas são: do arquétipo do herói; da vítima sacrificial; e do eixo de opostos santa/prostituta. Todos os anos, milhares de fiéis visitam o túmulo de Maria Bueno no Cemitério Municipal. Os visitantes obedecem a um ritual que pode ser considerado como simbólico de um processo de transformação, composto de três momentos diferentes: a entrada no reino dos mortos, a oblação da rosa e da vela e a recuperação da oferenda transformada pela consagração. A estrutura e simbolismo deste ritual devocional também são considerados, na tentativa de compreender a sua função psicológica.

Palavras-chave: Arquétipo; Jung; Mito; Psicologia analítica.

¹ Historiadora e Especialista em Psicologia Analítica pela PUC. Docente da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR. e-mail: andrealima.ufpr@gmail.com

Abstract

This article investigates the meanings of the saga and cult of Maria Bueno, in the context of the city of Curitiba, through the theoretical concepts of Carl Gustav Jung's analytical psychology. The devotion to Maria Bueno is a religious phenomenon that has taken place in this city since the end of the XIX century. In this study, the story of "Curitiba's little saint" is understood as a mythological expression; and, as a myth, an archetypal form of expression. After presenting a historical account of Maria Bueno's life story, the investigation focuses on the unfolding of the images contained in her saga, which point to contents of collective unconscious that are constellated in the city. The main images explored are: the hero's archetype; the sacrificial victim; and the saint/prostitute axis of opposites. Every year, thousands of devotees visit Maria Bueno's tomb in the City Cemetery. The visitors follow a ritual, which can be seen as symbolic of a transformation process, composed of three different stages: the entrance in the kingdom of the dead, the oblation of the rose and of the candle, and the recovery of the offering transformed by consecration. The structure and symbolism of this devotional ritual are also considered, in order to understand its psychological function.

Keywords: Analytical psychology; Archetype; Jung; Myth.

A devoção a Maria Bueno, conhecida como "a santinha de Curitiba", é um fenômeno de religiosidade popular que acontece nesta cidade há mais de um século. Todos os anos, no dia de finados, a imprensa local registra e noticia da presença de milhares de fiéis visitando seu túmulo no Cemitério Municipal. O presente trabalho tem por objetivo investigar os significados da saga e culto de Maria Bueno no contexto da cidade de Curitiba, por meio dos conceitos teóricos da psicologia analítica.

Ao nos voltarmos para a saga de Maria Bueno, partimos da conceituação que Carl Gustav Jung faz de inconsciente e de arquétipo para afirmar que esta história pode ser compreendida como uma expressão mitológica na cidade de Curitiba e, enquanto mito, ela é uma forma de expressão arquetípica. Portanto, nossa hipótese é de que a exploração e o desdobramento das imagens contidas nesse mito nos falarão da alma desta cidade, apontando para conteúdos do inconsciente coletivo que se encontram constelados entre nós.

Um entendimento psicológico da sociedade na qual estamos inseridos pode trazer uma valiosa contribuição para a compreensão da nossa psique individual, posto que não é possível distinguir, claramente, as histórias e os sonhos do mundo e as histórias e os sonhos do "eu". Ao nos relacionarmos com a mitologia da cidade, com as histórias que se fizeram conhecer aqui, damos um passo na direção do reconhecimento da cidade e dos seus habitantes: de nós mesmos.

A história de Maria Bueno não pode ser classificada como um mito, propriamente dito, mas, sim, como uma saga local, onde encontraremos várias imagens arquetípicas mescladas a um fato histórico. Os mitos e as lendas são mais elaborados e passaram por uma exposição cultural mais intensa. Uma saga local é uma história contada sobre algo que teria acontecido em determinado ponto geográfico conhecido. Diferentemente dos mitos, onde os personagens são divinos ou possuem características que os aproximam das divindades, a saga local fala de um ser humano comum, que tem uma experiência sobrenatural ou parapsicológica. O herói da saga local é uma figura humana concreta, com sentimentos e ambigüidades. Segundo Von Franz (2003), essas são as formas mais genuínas de contos folclóricos e se originam em erupções do inconsciente coletivo.

Nas suas diferentes versões, o relato se amplia e se enriquece na proporção em que imagens e temas arquetípicos lhe são acrescentados. É como se a psique sentisse a necessidade de acrescentar cenas e imagens às partes nebulosas da história. As lacunas e as passagens contraditórias funcionam como tela privilegiada de projeção. Novas cenas vão sendo acrescentadas, de acordo com a necessidade da psique, criando novas metáforas e novos sentidos.

É importante salientar que esses acréscimos e desenvolvimentos não são invenções da consciência. O fato histórico poderia ter sido recheado com outros elementos, mas estes foram os escolhidos. Esta escolha

não é aleatória, mas determinada pela influência energética dos arquétipos constelados² na alma da cidade. O indivíduo, muitas vezes, é o porta-voz destes padrões mais profundos de funcionamento psíquico, revelando o coletivo, por meio da sua expressão pessoal.

Para compreendermos como um arquétipo se constela na alma de uma cidade, lembremos que, para Jung (2003, p. 69), o termo alma diz respeito a todos os conteúdos e processos psíquicos, conscientes e inconscientes: “Sua natureza [da alma] não se revela apenas na esfera pessoal, na dos instintos, ou na esfera social, mas nos fenômenos do mundo de modo geral; em outras palavras, se quisermos compreender o que significa ‘alma’, devemos incluir o mundo”.

Assim, a história de Maria Bueno é uma saga que se constela, especificamente, na cidade de Curitiba. Outras histórias compartilham sua temática, pois, essa, é arquetípica. No entanto, essa é a forma peculiar que esses temas arquetípicos assumem na comunidade. Maria Bueno é como se fosse um complexo de Curitiba.

É preciso lembrar que os arquétipos presentes na história de Maria Bueno e que estão constelados na cidade também estão constelados nos indivíduos dessa coletividade. Não importa se ouvimos falar da santa local: tal é a definição de algo inconsciente – algo desconhecido e a atuar dessa forma desconhecida. Quanto mais inconscientes do complexo, mais ficamos à mercê dos seus efeitos psicológicos. A perspectiva de atuarmos em relação a esses efeitos surge da consciência, que nos traz, ao mesmo tempo, uma maior compreensão do desenrolar da vida e a inclusão de novas possibilidades que tragam certa harmonia ao indivíduo, primeiramente com ele mesmo e depois com sua cultura.

Maria Bueno não é uma santa reconhecida pela Igreja. A sua saga e a devoção que se originou em torno dela surgem a partir de um núcleo factual, de uma história pouco documentada e obscura, mas que, realmente, aconteceu na cidade de Curitiba no final do século XIX.

O primeiro registro que Curitiba fez de Maria Bueno foi na crônica policial de 30 de janeiro de 1893. A notícia do Diário do Comércio dizia que uma moça, de cor parda, havia aparecido

assassinada, numa travessa da Rua Campos Gerais, hoje Rua Vicente Machado, com a cabeça completamente separada do corpo e fundos talhos de navalha nas mãos. Ela é descrita, nesse texto, como “mulher de vida alegre, mas inofensiva criatura, de quem a polícia não tem a menor queixa em seus arquivos” (Diário do Comércio, 30/01/1893, citado por Jurkevics, 2004).

Essa Curitiba, que recebe a notícia do assassinato brutal de Maria Bueno, é, ao final do século XIX, uma cidade provinciana, com menos de 30.000 habitantes. O crime abalou a população pelos traços de crueldade com que foi levado a cabo. Na manhã de domingo, junto a um muro do segundo quarteirão da Rua dos Campos Gerais, considerada, então, prolongamento da Rua XV de Novembro, seu corpo ensangüentado ficou, por várias horas, exposto no local onde se deu o crime. A região era isolada, raras casas de famílias simples de longe em longe, e algumas “casas suspeitas”: a região do meretrício.

Somente 55 anos mais tarde é que surge o primeiro relato histórico, feito por Sebastião Isidoro Pereira (1948). Segundo ele, Maria da Conceição Bueno seria natural de Rio da Prata, no município de Morretes, nascida em 08 de dezembro de 1864, dia de Nossa Senhora da Conceição.

Seu pai, Pedro Bueno, teria sido um lavrador muito pobre, desaparecido na Guerra do Paraguai (1864-1870). Sua mãe, Julia Bueno, teria, então, se mudado com os filhos para a localidade de Capela de Tamanduá, nas imediações de Campo Largo da Piedade. Aos seis anos, com a morte da mãe, a menina passa a morar com a irmã mais velha. Essa irmã, após a perda de uma criança e ainda no puerpério, passa a ter acessos de loucura, nos quais agride Maria Bueno violentamente. Assim, em 1880, trouxeram-na para o convento das Irmãs Marcelinas, onde ficou até 1888, quando essas freiras foram transferidas para o Rio de Janeiro. Permanecendo em Curitiba, Maria Bueno, na versão de Pereira, empregou-se como doméstica. Era uma bela morena, bem apessoada, sendo muito assediada. Cinco anos mais tarde, José Diniz, um de seus admiradores, apaixonado e tomado de ciúmes, tirou-lhe a vida.

Consta que como os padres da Igreja Matriz se recusam a encomendar o seu corpo, este não pode ser enterrado no cemitério municipal. O

² Segundo Jung (1999a), dizer que um arquétipo se encontra constelado significa que ele se encontra carregado de energia e que em torno dele se encontram agrupados elementos psíquicos dotados de forte tonalidade afetiva.

sepultamento teria sido feito próximo ao local do crime, junto a um muro de tijolos, numa pequena travessa da Rua dos Campos Gerais, numa cova rasa, resguardada por uma pequena cerca. Foi aí que as primeiras manifestações populares se deram. Flores, velas acesas e orações fervorosas, provavelmente, encomendavam a alma da vítima que ali havia tombado. Mas, a partir de certo momento, os relatos de milagres começam a aparecer.

Anos mais tarde, iria o seu corpo para a sessão dos indigentes, nos fundos do cemitério municipal. Em 1961, os seus restos mortais foram transferidos para a sepultura onde se encontra hoje. Foi neste local que recolhemos, oralmente, inúmeras e interessantes variantes que se somam ao enredo básico da história de Maria Bueno.

No dia 03 de maio de 2005, lá, encontramos Dona Adelaide, uma senhora de 86 anos, cabelos brancos e coque, sentada discretamente ao lado do caixão, dentro da pequena capela: cuidava diariamente da manutenção do espaço. Ela conta que aquele santuário havia sido construído por seu esposo, grande devoto de Maria Bueno, que teria sido também o responsável por conseguir da prefeitura a doação do terreno; e que desde que ele faleceu, cerca de 20 anos atrás, ela assumiu o compromisso de zelar pela santa.

Segundo ela, Maria Bueno era sétima filha mulher de um lavrador. Seu pai queria muito um filho homem, para ajudá-lo no trabalho pesado. Quando soube que a criança que havia nascido era mais uma menina, ficou transtornado. Num ímpeto de raiva, decide dar fim à vida da neném. Entra violentamente no quarto e, quando olha em direção à criança, uma forte luz o cega, e ele, assustado, é forçado a retroceder. Julia Bueno, a mãe, tem, neste momento, uma visão onde o destino elevado de sua filha lhe é revelado. Ela olha para a filha e anuncia: “Minha filha será Santa”.

Na versão de outra devota, Maria Bueno era prostituta muito bonita e requisitada, que numa noite foi assassinada ao sair de um baile por seu noivo, um soldado. Acrescenta que anos depois do crime, a polícia abriu o caixão e o corpo de Maria Bueno permanecia intacto, mas seu vestido havia se transformado num vestido de noiva. Ela também teria ouvido dizer que o túmulo havia sangrado algumas vezes.

Além de habitar a crônica jornalística local, essa história adquire grande repercussão na produção artística e literária de Curitiba: são romances, várias

peças teatrais, uma novela de televisão, um *ballet*, vários quadros. As diferentes versões retratam Maria Bueno ora como uma mulher simples do povo, lavadeira pobre, porém honesta, que morreu defendendo sua honra, ora como uma mulher liberada, que contestava costumes e moral, assassinada e depois da sua morte santificada, ou, ainda, como uma das possibilidades da vivência trágica do feminino.

Uma marcante referência a Maria Bueno vem da literatura: “Lamentações de Curitiba”, de Dalton Trevisan (1996, p. 11.). A crônica descreve a cidade em pleno caos do juízo final. Em meio às citações bíblicas, a narrativa trágica vai descrevendo as particularidades da cidade, pela visão do autor: “No dia de suas aflições, os vivos serão levados pela mão dos mortos para a morte horrível. Da cidade não ficará um garfo, aqui uma panela, ali uma xícara quebrada; ninguém informará onde era o túmulo de Maria Bueno”.

Apesar de ser um pequeno trecho, evidencia-se, ainda mais, a importância dessa personagem na psique curitibana. O túmulo de Maria Bueno indicando ao curitibano um norte, um rumo, um centro, sem o qual, ele está totalmente perdido.

Nas artes plásticas, consta do acervo do Museu Alfredo Andersen um retrato em óleo, anterior a 1935, do próprio Alfredo Andersen, intitulado “Retrato de Maria Bueno”. Destacam-se ainda “Retrato de Santa Maria Bueno”, da série *Retratos das Almas*, de Raul Cruz, de 1989, e as três gravuras feitas, por Poty Lazarotto, para a ilustração do programa do *Ballet* “A Mandala de Maria Bueno”, de 1990.

O núcleo histórico, em torno do qual se forma o fenômeno religioso a ela associado, é pouco documentado e bastante obscuro. De qualquer forma, não é na materialidade que encontraremos a chave para o significado da história de Maria Bueno, mas, sim, na análise dos conteúdos arquetípicos que ela nos apresenta. A imagem de santa milagreira, associada à aura trágica da sua morte, mobiliza as pessoas em decorrência de uma gama de símbolos que surgem, espontaneamente, ligados a ela.

O arquetipo é a forma pela qual os seres humanos tipicamente imaginam o mundo. Assim, ao nos voltarmos para a história de Maria Bueno, podemos verificar que esta, por seguir linhas arquetípicas, encontra narrativas ou dramas similares em outras partes.

É possível se estabelecer um paralelo com a ópera *Carmem*, de Georges Bizet (1838 - 1875), cuja história conta sobre o trágico envolvimento entre Carmem, uma bela e sedutora prostituta cigana, e José, jovem militar que se perde de amores por ela e acaba por assassiná-la.

Mais próximas encontram-se as histórias narradas pelo antropólogo Antonio Augusto Fagundes (2003), em seu livro “As Santas Prostitutas”. Nesse estudo, o autor aborda três casos, conhecidos no Rio Grande do Sul, de santas prostitutas. A saga curitibana compartilha das semelhanças encontradas entre as três devoções gaúchas. Assim como Maria Bueno, as demais santas são Marias: Maria do Carmo, Maria Izabel e Maria da Conceição. Todas eram prostitutas ou, pelo menos, foram consideradas promíscuas, e foram assassinadas por militares por questões de ciúmes. Eram moças bonitas e deixaram fama de bondade. A devoção a elas, essencialmente local, também traz muitos traços comuns: a capelinha própria, a associação com a cor azul, a oferenda de flores, velas e placas de agradecimento por graças alcançadas.

O culto a santas locais, com trajetórias similares a essas, também está presente no interior do Paraná. Foi-nos relatada a existência de um culto de forte ressonância popular à Mulher Queimada, na cidade de Irati. Essa santa foi morta a facadas, por seu amante ou pretendente. Quando este, para ocultar o crime, incendiou a casa onde seu corpo se encontrava, o mesmo permaneceu intacto, não sendo consumido pelas chamas. Da mesma forma, na cidade de Ponta Grossa, registra-se a devoção a Corina Portugal, que, em 1889, quatro anos antes de Maria Bueno, também foi assassinada a facadas, desta vez por seu marido, que a acusava de adultério. Anos depois, seu corpo exumado também se encontraria em estado de miraculosa preservação.

Assim, verificamos que a linha narrativa da saga de Maria Bueno é arquetípica e, enquanto fenômeno fundamentalmente humano, não está presente com exclusividade no contexto da cidade de Curitiba. Nela, encontram-se constelados diversos temas arquetípicos, tais como o herói, a vítima e a polaridade santa e prostituta que passaremos a analisar.

Pode-se observar, com facilidade, que um dos aspectos da linguagem dos símbolos que aparecem agrupados em torno de Maria Bueno

consiste nos atributos que caracterizam a vida do herói arquetípico. Campbell (2003, p. 280) define herói como sendo o “o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas”. Sob esta acepção, a cidadã curitibana, que se tornou santa, é uma heroína.

O arquétipo do herói, em seu padrão masculino, está, em grande medida, associado à luta e às aventuras do herói guerreiro. Não há uma tradição de heroínas na mitologia ocidental. Maria Bueno, no entanto, é uma representante do heróico feminino, cuja ênfase reside não na força física, mas no conceito arcaico de honra. Segundo Viktor Salis (comunicação pessoal, 13 de março de 2004), o feminino heróico tem por função “proteger o direito de nascer e morrer com dignidade e honra”. As diferentes versões lançam sobre o episódio do assassinato de Maria Bueno o tema da dignidade: ela morre ou em defesa da sua castidade ou do direito de agir livremente. A sua saga manifesta vários aspectos do arquétipo do herói: a origem improvável, o amadurecimento precoce, a prova final, efeitos póstumos e milagres.

A origem improvável corresponde à marca simbólica daquilo que originariamente não é valorizado ou reconhecido pela sociedade (traço sombrio) e que vem a salvar ou renovar a ordem social. O amadurecimento precoce caracteriza um período de “formação iniciática”, de preparação e crescimento. Nesse sentido, as provações de Maria Bueno são comuns, mas heróicas: uma mulher solteira, pobre e sem família, que ganha o seu sustento por meio das ocupações profissionais que à época se abriam ao público feminino: doméstica, lavadeira e prostituta.

A morte traumática, violenta e prematura é um elemento marcante da história e caracteriza a prova final do herói, clímax da sua trajetória e o seu último grau iniciático. A partir da morte, Maria Bueno é envolta em santidade. Aquela confere a esta a condição sobre-humana.

O tipo de morte é também simbolicamente significativo. Os relatos do assassinato se dividem em versões: as que Maria Bueno morreu defendendo a sua honra e, outras, sendo estuprada por seu algoz. Lembraríamos, também, da versão na qual as suas roupas mortuárias são transfiguradas num vestido de noiva. Tais elementos apontam para o tema

primordial das “núpcias de morte”,³ onde o *Hieros Gamos* (casamento sagrado) é experimentado, pelo feminino, como um ser entregue ao espírito do mal, que aparece nos mitos e contos de fadas, como a exposição da virgem ao monstro, ao dragão, ou ao feiticeiro. Os mistérios da morte e do matrimônio se encontram, assim, sobrepostos.

Sob este aspecto, a imagem de Maria Bueno vestida de noiva em seu caixão nos remete a Core. A mitologia grega conta que a jovem deusa Core foi, num momento de total desamparo, raptada e tragada ao reino dos mortos pelo deus Hades, representando, simbolicamente, o lado abissal do macho hostil e violador.

Maria Bueno foi vítima de seu “amante demoníaco”, uma figura que se faz presente em outras sagas e sonhos e que salienta o aspecto dual do masculino. A forma como essa bipolaridade se apresenta no embate eterno entre feminino e masculino é muito bem ilustrada no mito de Eros e Psiquê. Psiquê era uma jovem e belíssima princesa que, quando é chegada a época de contrair matrimônio, em obediência a um oráculo, é condenada a ser sacrificada a um monstro terrível. Esta imagem da virgem indefesa, exposta à beira de um desfiladeiro, à espera da fera que a devorará, fala da forma como o contato com o desconhecido ou com o inconsciente pode ser vivido, primeiramente, como algo monstruoso. Apesar de ser capturada por Eros, o deus do amor, em diversos momentos do seu relacionamento com ele, Psiquê o percebe como demoníaco.

É um aspecto arquetípico do encontro do feminino com o masculino, que se encontra presente tanto em homens quanto em mulheres. Frequentemente, estas imagens psíquicas são projetadas em parceiros, no encontro amoroso, tornando-o mais difícil, na proporção da dificuldade da união interna entre essas figuras. Como veremos adiante, essa saga diz da conjunção entre santa e prostituta, vivida por meio da sua relação com seu amante/demônio.

Os heróis, após a morte, aproximam-se da condição divina, diferenciando-se definitivamente dos seres humanos e continuando a agir por meio de efeitos póstumos e milagres. Passando a participar de uma imortalidade espiritual, assumem as funções de intermediários entre os homens e a divindade e de protetores da comunidade.

Na história de Maria Bueno, isso se dá de forma muito clara. Como no culto aos heróis, seus restos mortais são tidos como relíquia e as manifestações de devoção ocorrem ante a sua sepultura. As imagens e histórias miraculosas associadas a este local, dentro do cemitério, ressaltam o sofrimento pelo qual ela passou e a sua vitória sobre a morte.

A veneração a Maria Bueno está fundamentada nos milagres e graças que ela concede a seus devotos. As versões sobre o primeiro milagre operado por ela são muitas. Uma, das mais frequentes, diz que a morte por fuzilamento de seu assassino teria sido o primeiro sinal do seu poder sobrenatural. Outra conta que, logo após a sua morte, uma vela acesa junto ao seu túmulo queimou por 20 dias consecutivos. Conta-se, também, que uma mulher fez um pedido junto ao túmulo e ficou curada. As pequenas placas votivas que revestem seu túmulo são testemunhas materiais de que aqueles que pedem à santa se sentem atendidos.

Nas falas a respeito de Maria Bueno, é muito presente a referência a ela como “aquela que foi sacrificada”. A oração que podemos ver, a seguir, evidencia, por meio da analogia entre Maria Bueno e Jesus Cristo, que a psique curitibana interpreta a sua morte como se fosse uma operação sacrificial.

ORAÇÃO DE MARIA DA CONCEIÇÃO BUENO

Na cruz Jesus foi sacrificado... e vós...
Na cruz foste sacrificada,
Mas foste sim, sacrificada mas sem o
veredictum de um tribunal,
Por um algoz terrível, pior ainda que Judas,
Apenas raiava o dia de 29 de janeiro de 1893,
Quando o silêncio era profundo, nesta cidade de Curitiba
Recebias, na vossa inocência, a sentença de morte...

O sacrifício foi definido, por Mauss e Hubert (2005, p. 19), como sendo “um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa”. Muito próxima e muitas vezes se confundindo com a idéia de

³ Numa interpretação psicológica para o tema, Neumann (1993) coloca que a relação primordial de identidade feminina encontra-se ligada à relação primordial entre mãe/filha. Em determinados momentos do desenvolvimento da psique, a aproximação do masculino significa separação e morte.

sacrifício, encontra-se a noção de consagração. Todo o sacrifício implica numa consagração, ou seja, sempre que algo é sacrificado, passa do domínio do profano para o domínio do sagrado. Este processo de consagração implica numa transformação religiosa não só do objeto sacrificado, mas que se irradia para quem forneceu a vítima. O sacrificante também é transformado, podendo adquirir um *status* religioso que não possuía no começo da operação, um estado de graça, ou redimir-se da culpa, saindo de um estado de pecado. Analisar Maria Bueno como “vítima consagrada” será a entrada para compreendermos o significado desse fenômeno religioso.

Assassinato e sacrifício são aparentados. O sacrifício apresenta facetas opostas: vários sacrifícios rituais apresentam-se como “algo muito sagrado”, outros, ao contrário, são colocados como um tipo de crime terrível. Assim, numa lógica de opostos, o sacrifício é uma violência criminosa e, em contrapartida, o assassinato (e qualquer outra forma violenta de morte) pode ser descrito como um sacrifício.

O sacrifício, enquanto tema e imagem psicológica, é um elemento central nas considerações de Jung sobre o desenvolvimento da personalidade e as necessidades de adaptação ao meio. Num dos textos fundamentais de sua obra, “Símbolos da Transformação”, Jung (1999b) escreveu um capítulo intitulado “O Sacrifício”, onde apresentou sua interpretação “desliteralizante” de incesto que transforma radicalmente o conceito de libido sexual postulado por Freud. Jung propõe que a simbólica do incesto diz respeito a um movimento regressivo da energia psíquica que, em face de uma dificuldade adaptativa, abandona a consciência, retornando à sua fonte inconsciente. O desejo incestuoso é compreendido, então, como o desejo de regresso à dependência infantil, à indiferenciação, um desejo de permanecer no inconsciente. É esse movimento que precisa ser “sacrificado” para que a energia volte a progredir.

Se o ser humano permanecesse em uma situação incestuosa (em termos simbólicos), não haveria movimento psíquico para fora do paraíso da infância e a espécie humana não conseguiria se por à altura do assustador desafio da vida. É o desejo incestuoso de eterna inconsciência que deve ser sacrificado para que haja um movimento em direção à maturidade psicológica. Esse sacrifício teve que ser feito, coletivamente, nos tempos primordiais e precisa ser feito, individualmente,

pelos pessoas de hoje em dia, para que haja uma transformação em direção a uma ampliação, cada vez maior, da consciência.

Dentro dessa perspectiva, compreendemos a simbólica do sacrifício como indicativa de um processo no qual a consciência renuncia ao poder, ou seja, abre mão de um coeficiente energético, em favor do inconsciente. É esta postura que corrige a unilateralidade característica da consciência, possibilita uma reconciliação, uma união de opostos, que tem por conseqüência uma liberação de energia. Em outras palavras, a vítima sacrificial simboliza algo de precioso, algo que está imbuído de um valor energético, ao qual o homem renuncia em nome de um princípio de força vital, mais forte que ele. Por meio desta renúncia, ele se põe em relação de harmonia com este princípio, sendo que a energia pode ser então reintegrada, de forma renovada, em outro plano.

Maria Bueno simboliza este sacrifício, sendo uma imagem, na psique curitibana, do cordeiro sacrificial. Esta imagem encontra-se profundamente unida com o enigma do sagrado primitivo. O sacrifício ritual, exercendo a função de uma mediação entre um sacrificador e uma divindade, não só foi uma prática comum a diversos povos como se encontra, em alguma das suas várias modalidades, presente em todas as religiões existentes.

Conquanto esses ritos não tenham uma finalidade unívoca, é possível traçar uma distinção entre o sacrifício na visão mítica matriarcal, em oposição a sua reinterpretação no contexto patriarcal da tradição judaico cristã. Distinção significativa, na medida em que, de acordo com Neumann (1995), podemos presumir que o desenvolvimento psicológico do indivíduo repete a história evolutiva da humanidade.

Assim, uma compreensão do significado simbólico de Maria Bueno enquanto vítima sacrificial está relacionada aos rituais de fecundidade, dedicados às grandes deusas, que incluíam o sacrifício de sangue e o desmembramento com a função de fecundar o útero da terra. A idéia essencial é o fluxo constante da natureza onde o mesmo princípio que gera a vida, promove a morte e que, ambas, dependem uma da outra. Nesse contexto, onde a deusa contém os opostos da vida e da morte, o sacrifício é uma transição necessária para a renovação. Representante da vida, a vítima era dedicada à divindade e com ela identificada: morre

para renascer. Nada novo pode existir sem que algo, equivalente, tenha deixado de existir.

Em um âmbito matriarcal, a vítima do sacrifício não tem nada a ver com um oferecimento para a remissão dos pecados. Nessa visão de mundo, os erros, os desregramentos e desvios do caminho correto, bom e apropriado são considerados como um destino a ser sofrido e, não, uma culpa a ser expiada.

Os processos de transformação da psique são análogos aos processos da natureza, que incluem fins e recomeços, mortes e renascimentos. O sacrifício, compreendido como consentimento com uma morte simbólica, propicia o necessário intercâmbio de energia, para manter o equilíbrio global da vida: é preciso que algo morra para que o novo renasça. Este aspecto é bastante presente no culto à Maria Bueno: ela morreu para que seu túmulo se tornasse local sagrado de renovação do contato com o divino.

No mundo patriarcal, o sacrifício é regulado pela moral, pelas leis do certo e do errado, como que revestindo a idéia original de uma nova camada de significado. A idéia primordial é a culpa e a sua expiação, que se dá por meio da agressão contra o próprio ser culpado ou contra outro ser sobre o qual a culpa é projetada. A vítima sacrificial passa a ser o bode expiatório, o elemento que ao ser eliminado expurga da sociedade os males que a afligem.

Encontramos a expressão mítica do mito patriarcal do sacrifício do bode expiatório na descrição bíblica do sacrifício hebreu que fazia parte do cerimonial do Dia do Perdão (Yom Kippur). No ritual hebraico, cuja riqueza de simbolismo ultrapassa o escopo deste artigo, o animal é imolado em oferenda pelo pecado e substitui o pecador. De um estado de identidade, os homens passam a um estado de relação com Deus. Para que o homem se mantenha em acordo com a lei sagrada e em congruência com o novo ideal de perfeição, os elementos negativos precisavam ser expiados de forma ordenada. Segundo Perera (1991), por meio da confissão dos pecados, da sua atribuição ao bode expiatório e da eliminação deste, a comunidade podia sentir-se purificada e abençoada por Deus: o sacrifício de sangue remove a mácula do pecado.

A elaboração posterior do mito aparece na oferenda de Cristo como “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. No período cristão, o sacrifício é representado pelo deus filho que se entrega pela remissão dos pecados do homem. O

homem, por sua vez, é convocado a, simbolicamente, imitar Cristo e se auto-sacrificar.

Uma compreensão de Maria Bueno como vítima sacrificial de uma cerimônia expiatória levamos a analisar a sua imagem como o receptáculo da projeção da sombra da cultura de nossa época. Sombra é a imagem usada, por Jung, para descrever os conteúdos psíquicos que, individual ou coletivamente, são reprimidos por serem moralmente inaceitáveis. Ou seja, tudo aquilo que, por estarmos inseridos num contexto, não podemos ser. Maria Bueno corporifica, sob esta perspectiva, o elemento estranho que precisa ser expulso ou eliminado para que os membros dessa comunidade possam mais uma vez sentir-se purificados e abençoados por Deus: ela é pobre, segundo alguns, negra, mulher e prostituta.

No estudo da devoção a Maria Bueno, constata-se que à sua saga encontram-se associadas inúmeras facetas do feminino. A identificação com a adoração de Maria, mãe de Jesus, é freqüente, especialmente nos aspectos de virgem, noiva e intercessora. Encontram-se presentes as correlações com Maria Madalena, a pecadora redimida e também com a personagem Gabriela, de Jorge Amado, e a temática da mulher bonita, sensual, transgressora e irrequieta. No entanto, um elemento que se destaca e sobre o qual concentraremos nossa atenção é o fato da imagem de Maria Bueno conter em si simultaneamente os atributos antagonísticos de santa e prostituta.

Um dos temas centrais da obra de Jung é a questão do conflito universal dos opostos que contêm um ao outro: dia/noite, bem/mal, masculino/feminino. Esta idéia arquetípica do par de opostos diz respeito, também, ao fato de que, em nossa experiência cotidiana e egóica, a vida é experimentada, no espaço e no tempo, como um conjunto de opostos que se excluem reciprocamente. Maria Bueno tem a característica dual de ser, a um só tempo, santa e prostituta. Esta *coincidentia oppositorum* (união de opostos), esta ambivalência, é característica dos conteúdos numa situação original no inconsciente, que a consciência ainda não separou em antíteses.

Em nosso processo individual de amadurecimento, para que possamos experienciar nossas possibilidades vitais em sua plenitude e dar expressão a tudo aquilo que somos, temos que juntar os diferentes lados de nós mesmos, que se encontram dissociados, estabelecendo um diálogo entre consciente e inconsciente.

Jung compreendia que a relação entre consciente e inconsciente é compensatória. Como na consciência coletiva, atributos de santa e prostituta encontravam-se, radicalmente, separados, com Maria Bueno, a psique procurou não anular o contraste ou superá-lo, mas juntar as duas imagens. Esta forma bipolar de expressão psíquica do feminino é arquetípica e, enquanto tal, está, potencialmente, presente na feminilidade de todos os indivíduos de sexo feminino e masculino. É uma junção que todos temos que fazer e que equivale a unir matéria e espírito, rompendo o dualismo entre corpo e alma.

É importante ressaltar que as imagens psíquicas não são conceitos, mas metáforas de um processo energético da alma e que seu sentido varia de acordo com o olhar do observador. A vivência do feminino que cada um de nós terá depende de como a nossa experiência do mundo mediará essas imagens arquetípicas. Se tivermos um desenvolvimento normal, uma concentração muito radical, numa das extremidades do eixo santa-prostituta, é evitada, ampliando nossa capacidade de tolerar a ambivalência.

Por aproximação, podemos dizer que a imagem da santa nos remete à elevação do espírito. Uma pessoa, que funcione sob a égide da imagem da santa, estará identificada com os ideais de espiritualidade, pureza, virtude, castidade. Aspirando coisas mais altas, ela se desconecta do desejo carnal e das dimensões naturais da vida. Com o objetivo de perfeição, ela movimenta-se em elevação espiritual ou intelectual, e para fora da vida. Vivendo centrada na cabeça, não assume responsabilidade por seu corpo, descuidando-se dele e o maltratando. O aspecto da materialidade do ser fica, então, “primitivo” e não desenvolvido, dando-se a conhecer de forma projetada e inferior.

O pólo da prostituta, por outro lado, faz referência ao aviltamento da matéria. Em termos históricos e culturais, a prostituta é símbolo da sensualidade da mulher que é rebaixada e explorada. Ainda que a literal entrega à cópula sexual, por dinheiro, seja uma das formas pelas quais homens e mulheres de hoje em dia experienciam o arquétipo da prostituta, esse arquétipo também exerce sua influência de outras formas. Uma pessoa afetada por esta imagem terá a tendência a levar uma vida desregrada, e pouco criteriosa. Indiferente a princípios ou ideais elevados, tem interesses puramente materiais. Na busca de bens e recompensas, corrompe ou deixa-se corromper.

Ao mesmo tempo, ambas as imagens são aspectos indispensáveis para o indivíduo. A santa traz ao indivíduo as qualidades da bondade, generosidade, modéstia, graça e humildade. Ela mostra a possibilidade de viver a virgindade, não como uma realidade biológica, mas enquanto um estado de pureza e inocência, como um espaço interior, vazio e receptivo, que pode ser habitado pelos deuses. A prostituta, também chamada de “mulher de vida alegre”, por sua vez, ao nos colocar em contato com nossa sexualidade mais instintiva e carnal, nos reconecta ao corpo e ao imperativo de desfrutar a vida e ter prazer. Vitalidade, alegria, sensualidade e erotismo podem ser experimentados pelo indivíduo sob sua influência.

Curitiba é herdeira da trágica divisão que a tradição ocidental faz do ser humano em um corpo separado de uma alma. A imagem de Maria Bueno vem compensar esta ruptura, e nos propõe que a contradição deve ser transformada em paradoxo. É uma imagem que nos fala da inteireza humana que tem a capacidade de unir as duas pontas da nossa feminina humanidade: a prostituta e a santa. Ela nos fala que a matéria é capaz de transcendência, porque está impregnada de um mistério maior; e que o espírito mora na matéria e que é por meio dela que ele ganha realidade.

O fenômeno da devoção a Maria Bueno é arquetípico. Como tal, não se restringe a aspectos formais. Ressaltam-se, também, aspectos dinâmicos que se manifestam por meio das ações, emoções, padrões de comportamento, reações e situações. Esses aspectos dinâmicos podem ser apreendidos no ritual de devoção à santa. Por meio dele, a energia é integrada e passa a motivar um padrão de emoção e comportamento.

A discussão a respeito da função psicológica dos rituais é muito presente na obra de Jung (1988a), que ressalta a importância do ritual como uma forma de a consciência buscar uma relação positiva de cooperação com o inconsciente.

Hoje em dia, a devoção à Maria Bueno se manifesta, primordialmente, junto a seu túmulo, no Cemitério Municipal de Curitiba. Durante todo o ano, mas especialmente no dia de finados, as pessoas visitam a capela, trazendo consigo velas e flores. Por definição, o ritual religioso estabelece o comportamento consagrado que tem por papel operar a fusão do mundo profano e do mundo sagrado, transformando o sentido de realidade. Esta ordem é estabelecida por meio de uma

encenação do mito. É como se cada visitante repetisse a saga de Maria Bueno. Assim como Maria Bueno tem uma caminhada heróica, todos os seus devotos, também, estão em uma caminhada, que se organiza e fica menos assustadora ao ser posta em consonância com o mito.

Bastante significativo para o nosso estudo é observar o ritual, obedecido pelos devotos, que pode ser analisado como simbólico de um processo de transformação composto de três momentos diferentes: a entrada no reino dos mortos, a oblação da rosa e da vela e a recuperação da oferenda transformada pela consagração.

Entrar no cemitério é sair do mundo comum, cotidiano e profano e aproximar-se do além. É introduzir-se numa dimensão sagrada. O cemitério é, também, chamado de “campo-santo”. Em todas as culturas, mas talvez ainda mais na nossa cultura, onde o contato com a morte é cada vez mais evitado e mascarado, esses espaços se convertem no local do encontro entre a vida e a morte, entre o começo e o fim. Os muros do cemitério delimitam um espaço da cidade que, para a psique, não é só terreno. Adentrar os seus portões é cruzar um limiar mágico, a partir do qual terra, céu e inferno não se encontram separados de maneira definitiva.

Esta separação ou esse afastamento do mundo externo, em termos psicológicos, sinaliza uma transferência da ênfase para o mundo interno da psique, ou seja, o inconsciente. Os paralelos míticos para esse processo são inúmeros. É a *catábasis* do herói, a descida ao reino de Hades em busca de algo. É nesse “centro do mundo” que o devoto irá ter seu encontro com a santa. É aproximar-se de outro mundo, onde a virgem-prostituta reina soberana.

À santa, fazem-se oferendas simbólicas. A primeira é a flor, a rosa vermelha. De uma forma geral, assim como o lótus é visto no oriente, a rosa é uma manifestação que vem das águas primordiais, sobre as quais se eleva e desabrocha. A rosa pode ser vista como uma mandala ou um centro místico. Na mitologia grega, diz-se que as rosas são gotas do sangue de Vênus. Está associada à Virgem Maria como rosa mística e, também, ao Graal, taça da vida que recolhe o sangue de Cristo. As rosas vermelhas são, ainda, chagas de Cristo. Na alquimia, as rosas aparecem nos tratados, indicando os resultados das complexas operações. A rosa branca estava ligada à pedra em branco, produzida por meio da pequena obra e a rosa vermelha associada à pedra em vermelho, o objetivo da grande obra.

A outra oferenda é a vela. A idéia básica relacionada à vela acesa é a de “luz” como oposição às “trevas”. A luz, em todas as tradições, é símbolo de purificação, de iluminação e de amor espirituais. Mais que isso, no entanto, a vela acesa, diante do altar de um deus ou um santo, remete-nos à imagem dos sacrifícios primitivos. Como se fosse um holocausto oferecido a Deus, a vela acesa, ao se consumir, substitui diante de Deus a pessoa que a acende. Dentre os diferentes tipos de sacrifício que existiram na Antiguidade, o holocausto era o mais perfeito, porque a vítima era oferecida a Deus e queimada, por inteiro, em manifestação de devoção absoluta. A vela acesa é como se fosse um “holocausto em miniatura”. O sacrificante acende a vela, que é sua propriedade, para ser consumida em seu lugar.

Sobre a oferenda de sacrifícios, Jung (1988b, p. 260) escreve:

O desconhecido no homem e o desconhecido no objeto se confundem. [...] Portanto aquilo que eu dou do que me pertence já é, em si um símbolo ou algo polivalente. Mas uma vez que não tenho consciência do seu caráter simbólico, permanece preso ao meu eu, porque é parte da minha individualidade. Daí o fato de toda oferenda se achar ligada, de forma ruidosa ou discreta, a uma pretensão de ordem pessoal. Queiramos ou não, trata-se sempre de um ‘do ut des’ (dou para que me dê). O dom que se faz significa, portanto um propósito pessoal, pois o simples dar, em si, ainda não é um sacrifício, é preciso que tal coisa seja completamente entregue, como se tivesse sido aniquilada.

Essa “pretensão de ordem pessoal”, de que Jung fala, é uma tônica na devoção à Maria Bueno. A ela, pede-se que interceda junto a Deus para que objetivos, os mais diversos, sejam atingidos. De maneira geral, os pedidos envolvem, primordialmente, questões de saúde, amor e dinheiro. Assim, os fiéis que visitam o túmulo com regularidade tendem a cumprir ciclos: pedidos, promessas feitas à santa, pagamentos da promessa, agradecimentos e novos pedidos.

O último gesto fundamental no ritual é que o devoto irá levar consigo uma flor da capela, com o cuidado de escolher outra, distinta da que ele próprio ofereceu à santa. Nessa nova flor, podemos ver o simbolismo do renascimento e da

regeneração. Por meio do sacrifício, a rosa, de sua propriedade, deixa de existir para, mediante um processo de transformação, ser resgatada numa forma nova. Jung (2003) aponta que a participação em rito como esse é equivalente a um renascimento indireto.

Uma questão fundamental, que merece nossa atenção, é compreender que papel esse ritual desempenha na psique individual dos devotos, ou seja: como as pessoas alcançam a graça?

Um ponto de partida é a constatação de que, como qualquer um de nós, quem vai buscar ajuda de Maria Bueno tem problemas. Sentem-se fracos, cansados, irados, sobrecarregados. Próximos de atingir o limite de sua força e de sua coragem, precisam que algo que os ultrapasse, os ajude, e lhes dê sustentação.

Ao visitar o túmulo de Maria Bueno, os devotos engajam-se num ritual de centralização. Entre os elementos dessa simbologia do caminhar em direção ao centro, encontram-se: a centralidade (do Cemitério Municipal, no coração da cidade), o labiríntico (suas vielas estreitas intensificam um sentido de aprofundamento) e as rosas (mandala). Segundo Jung (1991), da mesma forma que o ego é o centro da personalidade consciente, o ponto central e fator ordenador arquetípico da psique, como um todo, é o *self*.

No ritual, experiências, emoções, movimentos e sensações vivenciados no mundo externo constelam os processos do mundo interno. Voltar-se para o centro é um movimento que busca por re-conexão por tornar-se inteiro, não dividido. É uma tentativa do ego de se colocar em relação com o *self*. E, na proporção mesma em que este estrato profundo da psique esteja, inconscientemente, projetado na figura de Maria Bueno, ocorrerá um encontro autêntico entre ego e *self*, que possibilita a liberação de novas e desconhecidas energias.

Jung (2004, p. 13) acreditava tanto na predisposição inata da psique à autocura quanto na enorme influência que da imagem mitológica pode ter. Ele escreve:

Parece, então que é como se o processo de restabelecimento mobilizasse essas forças conforme seus objetivos. As representações míticas, com sua simbologia peculiar, tocam as profundezas da alma humana, subsolos históricos onde nossa razão, nosso desejo e

boa intenção nunca chegam. É que elas também vêm das profundezas e falam uma língua que, apesar de nossa razão atual não compreender, coloca a parte mais interior do ser humano para vibrar. O que primeiramente poderia assustar-nos como regressão é antes um *reculer pour mieux sauter*, uma integração das forças que ao longo do desenvolvimento, dão origem a uma nova ordem.

Os relatos que coletamos, em entrevistas, falam de pessoas que encontraram novas reservas de esperança e de ânimo que não lhes estavam disponíveis. São histórias de tratamentos de saúde bem-sucedidos, de alcoólatras que pararam de beber, de filhos que se afastaram das drogas, de pessoas que descobrem que têm mais energia e coragem que pensavam ter. Principalmente, são histórias de pessoas que adquirem a certeza de que não estão sós e, que, em algum lugar, encontrarão a força para ir em frente. Um milagre é qualquer indicação da participação divina na vida humana. Sob o ponto de vista psicológico, único que nos cabe discutir, Maria Bueno é milagrosa.

A saga de Maria Bueno, assim como qualquer outra construção mitológica, não é unívoca, mas sim ambígua e repleta de significado. Ela é parte da alma desta cidade e reflete suas qualidades anímicas: é fragmentada, nebulosa, confusa e portadora de inesgotável fonte de sentido. Como símbolo, seu sentido dependerá do olhar de cada observador e seu significado mais profundo será sempre inapreensível. Ultrapassando o mito, penetra nos mistérios da vida. Nossa preocupação inicial com a investigação do simbólico não pode, por definição, ser conclusiva.

Esta saga é uma auto-representação da psique que, como um sonho sonhado coletivamente, procura compensar e corrigir nossa visão parcial da realidade. Na melhor das hipóteses, podemos encontrar um significado útil e atual, sabendo que esse pode ser alterado, ao mudarmos o foco ou o nível de referência.

O sentido existencial que ela traz a Curitiba deve ser colocado não em termos de um tema dentro da dimensão do *logos* ou da racionalidade, pois, desta maneira, a expressão mítica é percebida como uma forma primitiva ou deficiente de conhecimento. Precisamos utilizar outra forma de acesso, na tentativa de captar a experiência humana totalizada por esta saga.

Precisamos de *pathos*, de simpatia emocional. Precisamos permear o discurso com mais vivências e menos conceitos.

Maria Bueno é a alma reafirmando que está em Curitiba, que é Curitiba. O seu túmulo no Cemitério Municipal traz a memória emotiva que nos faz lembrar a tragédia, a morte e a transitoriedade da vida. A relação com o lado obscuro da vida nos proporciona um contato com a alma, pois, essa, não deixa nada de fora. E, nesse convívio, emerge uma atmosfera de encontro “amoroso”, na qual nosso intuito de conhecer a Maria Bueno, como algo separado de nós mesmos, dissolve-se e percebemos que ela, também, é cada um de nós.

Então, por meio daquilo que, neste registro simbólico, ressoa em nós como definitivamente importante, podemos construir um sentido, uma compreensão dos desafios que Maria Bueno, enquanto imagem psíquica, propõe a nós, curitibanos, na nossa busca pela totalidade.

O heroísmo feminino, cujos feitos, coragem, tenacidade, abnegação e magnanimidade se voltam para a preservação dos processos naturais da vida, é um contraponto desejável e complementar ao modelo heróico masculino, no qual se funda nossa sociedade moderna tecnológica. O processo que estruturou a consciência da qual nós, curitibanos, somos portadores e representantes, sofreu grande influência do ideário do imigrante que aqui se instalou no século passado, que imagina o mundo novo como uma esfera de possibilidades infinitas, onde a capacidade de ação não encontra limites. Nesse contexto, o modelo arquetípico de herói guerreiro e conquistador deu origem, em Curitiba, a uma sociedade que se inspira numa idéia de expansão ilimitada e acumulação, precisando ser compensada por uma imagem heróica feminina, sensual e santa.

A tarefa heróica do feminino, presente em todo o ser humano, é se manter em conexão com a Vida, por meio de suas complementaridades obrigatórias: atividade e reflexão, introversão e extroversão, vida e morte. É unir em diálogo significativo o “eu” e o “outro”, opostos não mais irreconciliáveis, num processo circular, de intercâmbio e simbolização.

Para que isso se dê, é necessário um sacrifício. Whitmont (1991, p. 209), falando de forma dramática da nossa condição moderna, explica o tema do sacrifício da seguinte maneira:

Eis a nova e contemporânea forma de sacrifício do bode expiatório: encarar as próprias fraquezas, imperfeições e inadequações – e a própria força – como partes inexoráveis da tessitura da vida. O indivíduo tem que aprender a aceitar a discrepância entre o si-mesmo desejado e o si-mesmo real. A individualidade única de cada um é o seu destino. Isso anula a alegação egóica de perfeição e de auto-justificação, de ser capaz de ser perfeito e agir corretamente. Conquista-se com isso uma nova atitude: o indivíduo ‘entra em sintonia’ com a vida e com os seus semelhantes. O bode expiatório, recebido como irmão que sou eu mesmo, torna-se ironicamente o novo redentor.

Ao sacrificarmos, então, a imagem idealizada de nós mesmos – independentemente de acharmos que deveríamos ser santas ou prostitutas – Maria Bueno surge, finalmente, como um convite a uma forma de ser e sentir, onde corpo e alma não sejam instâncias contraditórias, mas onde o espírito possa ser vivido no corpo. Convida a experimentar o mundo não mais estruturado em contradições do tipo ou/ou. Maria Bueno nos sugere que o processo de viver uma espiritualidade encarnada não se trata de transformar espírito em matéria ou vice-versa. Mas, sim, perceber o espírito na matéria e a materialidade do espírito num contínuo processo de mortes e renascimentos.

Referências

- Campbell, J. (2003). **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix.
- Fagundes, A. (2003). **As santas prostitutas**. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- Jung, C. G. (1988a). **Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1988b). **A psicologia de religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1991). **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1999a). **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1999b). **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes.

- Jung, C. G. (2003). **Os arquétipos do inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2004). **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes.
- Jurkevics, V. (2004). **Os santos da igreja e os santos do povo**. Tese de doutorado, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Mauss, M, & Hubert, H. (2005). **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify.
- Neumann, E. (1993). **Amor e psiquê**. São Paulo: Cultrix.
- Neumann, E. (1995). **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix.
- Pereira, I. (1948). **Maria Bueno**. Curitiba: Mundial.
- Perera, S. (1991). **O complexo de bode expiatório**. São Paulo: Cultrix.
- Trevisan, D. (1996). **Mistérios de Curitiba**. Rio de Janeiro: Record.
- Von Franz, M. (2003). **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulus.
- Whitmont, E. (1991). **O retorno da deusa**. São Paulo: Summus.

Recebido em: 27/02/2007
Received in: 02/27/2007
Aprovado em: 26/03/2007
Approved in: 03/26/2007